

Instalação do lixo marinho global na praia de Guarajuba (Costa dos Coqueiros). O lixo ficou cerca de 3 horas. Todo mundo só olhou, olhou, olhou... e lá deixou.

Lixos Mirratórios

Por? Marina Herrmann | Fotos? Fabiano Barretto

Lixo de 69 países foi encontrado numa praia deserta do litoral baiano. O que começou como uma curiosidade do fotógrafo baiano, radicalizado alemão, Fabiano Prado Barretto, de 34 anos (ver box), acabou por se tornar assunto de pesquisa, debate e, posteriormente, uma ONG de respaldo internacional. Praias desertas e paradisíacas vêm sofrendo danos ambientais sérios, como contaminação das águas e morte de animais marinhos, por causa de lixo estrangeiro que chega às praias brasileiras, trazido pelas mesmas correntes que desviaram os portugueses para cá na época do descobrimento. Afinal, não é só força de expressão dizer que tudo que se joga no Atlântico Sul vai parar na Bahia. Por causa do mau funcionamento burocrático e para eliminar custos para as companhias donas dos navios, vários responsáveis de embarcações que aqui aportam, ajudados pela falta de fiscalização, preferem despejar os resíduos sólidos no mar, quando ainda estão longe da costa, e estes acabam se depositando nas areias das praias. O trabalho da ONG “Praia Local, Lixo Global”, no entanto, já fez com que capitães de embarcações estrangeiras deixassem de jogar lixo no mar, por causa de um “maluco brasileiro” que tem devolvido o lixo às autoridades dos portos dos países de origem.

Lixo é jogado no mar por navios estrangeiros que passam pelo país e vai parar em praias do nordeste levado pela corrente.

O princípio

A idéia de denunciar a poluição das praias brasileiras pelos detritos de outros países surgiu em 2001, após uma caminhada de 10 km entre a Praia do Forte e Imbassaí na Bahia, que Fabiano Barretto fez quando veio de Portugal, onde morava, para passar férias com a família.

No percurso, juntou 88 embalagens de produtos diversos, de 26 países diferentes. Havia embalagem de tudo: água mineral, leite, refrigerante, inseticida, alimentos, produtos de beleza, produtos de manutenção de máquinas, entre outros. Os países de origem eram os mais variados: Malásia, Índia, Grécia, Bélgica, Argentina, Austrália, França, China, Indonésia, Alemanha, Itália, África do Sul, Coreia do Sul, Tailândia etc. Vendo que tinha um material importante nas mãos, fotografou, catalogou tudo e procurou jornais em Salvador e São Paulo a fim de publicar a história do seu achado. Quando voltou

para a Europa começou expondo em universidades, e novas idéias foram surgindo. Isso foi apenas o começo de uma grande empreitada.

Fabiano, então morando na Alemanha, voltou ao país por dois anos consecutivos. Percorreu o mesmo trecho a pé, mas, desta vez, com ajuda de um amigo. Os dois coletaram o “lixo globalizado” da Praia do Forte até Barra do Tariri. Foram 730 embalagens em 2003 e 524 em 2004. Voltou para Europa para novas exposições e conseguiu o primeiro apoio financeiro, vindo da *Lighthouse Foundation*, para que voltasse ao país para nova coleta e fotos, para que fossem apresentados em Tóquio (Japão) e Mumbai (Índia), no Fórum Social Mundial de 2004.

O projeto transformou-se numa ONG chamada Local Beach, Global Garbage (Praia Local, Lixo Global), patrocinado pela mesma fundação.

Uma convenção internacional de 1973, a Marpol, determina que todas as embarcações devem ser responsáveis pelo armazenamento do lixo a bordo, e pelas despesas de eliminação do lixo ao chegar a um porto. No entanto, com a fiscalização difícil e as circunstâncias de uma viagem, o descarte se tornou um crime comum. “Nas longas viagens – do sul da Ásia ao Brasil são cerca de 40 dias –, o lixo se acumula. Só para dar uma idéia da dimensão disso, um navio com 14 pessoas consome 70 garrafas de água mineral de 1,5 litro por dia. E existem a burocracia e os custos para a descarga do lixo inorgânico nos portos do país”, conta Barretto.

Como o lixo proveniente de viagens de navios que chegam ao país é tratado como lixo especial, assim como ocorre com lixo hospitalar, este não pode ser eliminado como lixo comum, pois por desconhecer-se a procedência, pode trazer conseqüências para quem os recebe. Por essa razão, os portos deveriam estar preparados para receber lixo de embarcações e dar-lhe um fim viável, conforme diz a lei.

O problema dos portos

Nos portos em que são oferecidos serviços de retirada de lixo, estes não são realizados nem pagos pelos mesmos. No Porto de Santos, por exemplo,

existem empresas terceirizadas que se encarregam de coletar o lixo dos navios e incinerá-los em Cubatão, e o valor é cobrado por quilo e pago pela empresa dona do navio. Entretanto, para reduzir custos, muitos navios jogam parte do seu lixo no mar, diminuindo a quantidade. Isso é facilitado pelo fato de que a fiscalização permanente de um litoral, tão vasto como o brasileiro, seria extremamente difícil de ser realizada. Uma solução possível, para esse caso específico, seria os portos cobrarem, de todos os navios que ali ancorassem, uma taxa única, independentemente da quantidade de lixo, o que evitaria que dessem cabo de parte deles antes da chegada.

Outro problema é que nem todos os portos dispõem de empresas que prestem esse tipo de serviço, como é o caso de Salvador. Entretanto, mesmo quando há serviços de empresas cadastradas, ainda há casos de depósito irregular, como ocorreu com a empresa Norte e Sul Atividades Portuárias Ltda. Em julho deste ano a firma foi multada em R\$ 2 milhões por deixar 40 toneladas de lixo infectante, oriundos de navios atracados no Porto de Paranaguá e de hospitais do município, em um posto de gasolina abandonado, chamado “Guri”, onde esse material estava sendo armazenado há seis meses.

Para garantir que o lixo não seja jogado no mar, todos os navios estrangeiros deveriam apresentar um documento comprovando onde o lixo foi descartado pela última vez. O problema é que também não há fiscalização por aqui. Além disso, quando o navio vai de um porto brasileiro para um porto que exija o certificado de lixo do porto de origem, é possível comprar este certificado nos portos brasileiros, conforme explicou Fabiano.

Além disso, como os portos geralmente são federais e as prefeituras não recebem IPTU dos mesmos, esses acabam não se envolvendo nas políticas relativas aos resíduos sólidos. Poucos portos, como o de Itajaí, por exemplo, tem a sua gestão municipalizada.

ONG devolve lixo aos países de origem

“A maioria das autoridades portuárias e marítimas gostam de afirmar que as maiores fontes de poluição marinha são de base terrestre, e não oceânica, o que, sem dúvida, é verdade; mas o problema é que gostam de usar isto para desviar a atenção dos problemas que estão sob a sua competência”, comenta Barretto. Um dos motivos que os fazem sustentar essa idéia são os relatórios sobre lixo produzidos no Brasil. Uma das fontes responsáveis por isso é o lixo

Lightsticks. A cor do líquido do lightstick lembra óleo de bronzear de cenoura e de beterraba (aqueles vendidos nas praias em embalagens plásticas transparentes).

As três primeiras embalagens encontradas. Carnaval de 2001. Praia do Forte. Garrafas de água mineral da Tailândia, Indonésia e Cheju Island (Coreia do Sul). O início de tudo...

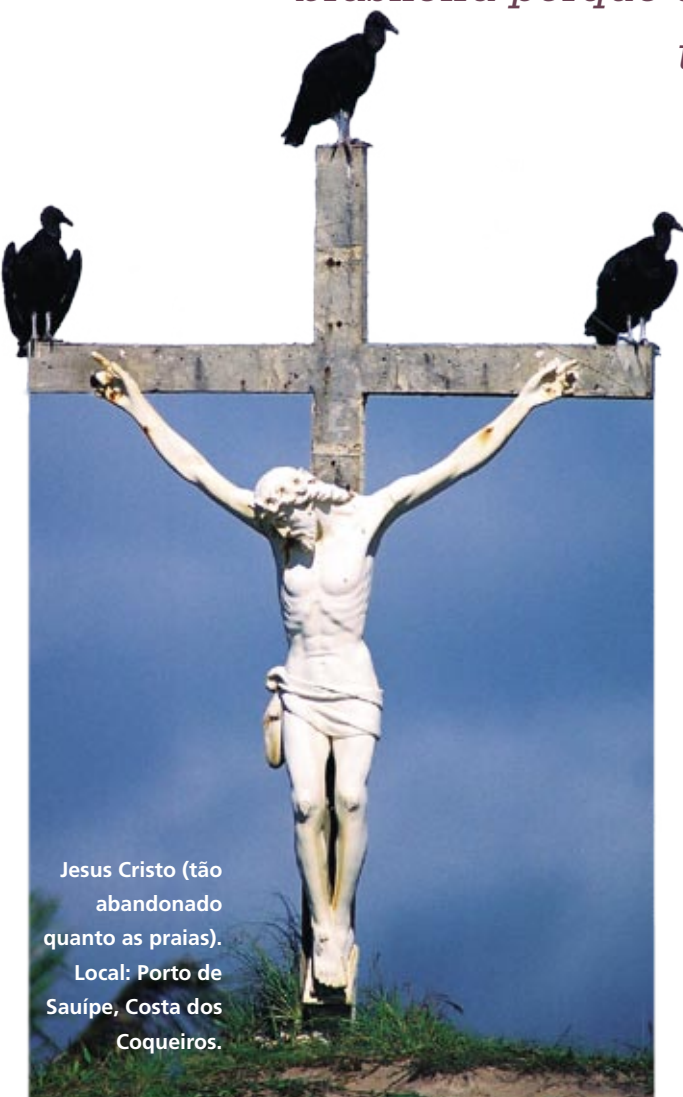
Lixo marinho global proveniente de embarcação. Produto encontrado com frequência na Costa dos Coqueiros e na Costa do Dendê. Made in UK (Reino Unido).

Tonel de óleo da MOBIL fabricado no Brasil encontrado numa lagoa na praia de Massarandupió.

Freezer horizontal fabricado nos Estados Unidos e encontrado pelo pescador e barraqueiro Digal, na praia do Santo Antônio, Costa dos Coqueiros.



“... o comandante do navio disse que não era para jogar mais lixo na costa brasileira porque um ‘maluco’ estava trazendo de volta.”



Jesus Cristo (tão abandonado quanto as praias).
Local: Porto de Sauípe, Costa dos Coqueiros.

catalogado no Dia Mundial de Limpezas das Praias, uma medida que tem seu mérito como divulgação do problema, mas que, como atitude, é paliativa e descontínua. Como eles só percorrem praias badaladas, onde a fonte do lixo são os banhistas, se colocava como se a origem de 92% do lixo nas praias fosse de base terrestre. Hoje em dia, por causa dos dados mostrados pelas pesquisas da ONG, esse valor já baixou para 80%.

Hoje o assunto é debatido e já foi levado para o exterior, por meio da ONG internacional que fundou na Alemanha. Uma das atitudes que tem sido tomada é a devolução do lixo aos portos de origem. Além da recente devolução ao cônsul da Itália, durante sua visita a Salvador, em setembro de 2004, três anos antes já haviam sido devolvidos lixos aos portos de Hamburgo, na Alemanha; de Roterdã, na Holanda; e de Antuérpia, na Bélgica. “No porto de Hamburgo aconteceu uma coisa interessante. Uns quatro meses depois que devolvi o lixo, eu conheci um marinheiro de convés de uma empresa de porta-contêiner. Quando falei que era brasileiro, ele

disse que ia sempre ao Brasil, e que o comandante do navio disse que não era para jogar mais lixo na costa brasileira, porque um ‘maluco’ estava trazendo de volta. Creio que no meio marítimo surgiu uma boa repercussão, mas está longe de ser a solução do problema”, comentou Fabiano.

Atualmente a ONG criou um novo conceito para devolução, onde o lixo será transformado em arte antes de retornar ao país de origem, juntamente com fotos dos lixos coletados. A transformação será feita pelos próprios moradores das vilas atingidas, onde serão realizados workshops com artistas plásticos nacionais. Como as embalagens fabricadas pelos países membros da União Européia representam 40% do lixo encontrado nas praias do litoral baiano, este lixo será devolvido para a Comissão de Meio Ambiente deles. O objetivo é solicitar uma compensação ambiental, uma espécie de contrapartida, por parte da União Européia. A idéia é que estes patrocinem novos projetos, que a ONG pretende desenvolver para solucionar os problemas do lixo local nas vilas que sofrem as conseqüências, como uma fábrica de reciclagem e programas de educação ambiental. Por parte dos governos estrangeiros, ainda não houve uma resposta efetiva, mas a equipe está consciente de que é preciso mais tempo. “O importante é que iniciamos as nossas ações e estamos dando continuidade”, completou Fabiano.

Os dez mais (Em embalagens) Dados gerais de 2001 a 2004

USA	15,59%
Alemanha	8,50%
Itália	7,67%
Argentina	7,63%
África do Sul	6,43%
Espanha	4,18%
Reino Unido	4,07%
Cingapura	4,03%
China	4,03%
Bélgica	3,49%



Estudantes da TAMU e os Capitães da Areia. Caminhada feita entre a Praia do Forte e Imbassaí (Costa dos Coqueiros), trecho de 10,3 km.

Atuação local

O programa ID Garbage, criado pela ONG, é uma atividade de identificação das origens do lixo marinho (o termo ID vem do inglês, que é a forma como chamam a carteira de identidade e também o ato de checá-la). A idéia do projeto não é propriamente limpar as praias, mas monitorar o lixo para saber sua origem e assim poder criar mecanismos de resolver o problema na fonte. A identificação, em primeiro momento, visa detectar o país fabricante, para depois, num segundo momento, se possível, o navio que descartou a embalagem.

A ONG criou recentemente um projeto chamado Capitães da Areia, cujo slogan é "Todo sonho pode virar realidade, toda realidade pode virar sonho". Neste programa, são contratados jovens moradores das vilas que coletam o lixo marinho global, semanalmente ou a cada duas semanas, dependendo dos trechos das praias, que podem variar entre 10 e 21 km de extensão. Um dos diferenciais deste projeto é que utiliza, como agentes, jovens moradores dos locais, que precisam ser remunerados e treinados. "Queremos capacitar pessoas que sejam capazes de implementar um projeto de coleta seletiva em suas vilas e olhar todos os problemas ambientais da sua região, que sem dúvida, não é só o lixo", explicou Fabiano.

Normalmente os projetos dedicados à conservação marinha trabalham com estagiários de biologia e oceanografia. Como os estudantes precisam fazer estágios, na maioria das vezes não existe remuneração. E como estão vindo das universidades, não é preciso investir muito em capacitação. O projeto Capitães da Areia está na contramão deste processo. O objetivo é criar multiplicadores dentro das vilas, capacitando jovens moradores para que eles, por sua vez, possam fazer palestras nas escolas, na colônia de pesca, na associação dos moradores, na cooperativa dos artesãos, etc. Para tanto os Capitães da Areia uti-

lizarão máquinas fotográficas e, futuramente, filmadoras, para documentar as irregularidades ambientais.

Lightsticks, os mais perigosos

Ultimamente um tipo específico de detrito tóxico, os chamados *lightsticks*, tem preocupado muito os ativistas da ONG. Trata-se de bastões luminosos atratores de animais marinhos, muito utilizados em espinhéis, que são linhas de pesca flutuantes que chegam a 130 quilômetros de comprimento, com uma linha vertical a cada 50 metros e três mil anzóis instalados. Os espinhéis são utilizados para pegar, principalmente, peixe espadarte, que é um dos peixes de maior valor comercial. O pior é que junto com os peixes, os espinhéis capturam aves, como o albatroz.

Os *lightsticks* são tubos preenchidos com duas substâncias químicas que, quando misturadas, emitem luz por até 12 horas, atraindo peixes. Após o uso eles são simplesmente descartados, e milhares de tubos vão parar em praias ao longo de todo o litoral brasileiro, levados pelas marés. Eles são usados principalmente por navios estrangeiros arrendados que pescam em nosso litoral. Isso ocorre porque como o Brasil não tem frota suficiente para pescar a quantidade de pescado permitida, então, navios estrangeiros, sobretudo filipinos, japoneses, chineses e tailandeses, vêm pescar no nosso litoral, em cidades de Pernambuco e Rio Grande do Norte, largando os *lightsticks* no mar. Para evitar a pesca predatória, há agentes pagos pelo governo (cem dólares por dia) através de um projeto da Universidade Federal de Pernambuco chamado "Observadores de Bordo". Mas eles não fiscalizam os *lightsticks* nem o lixo. Se eles estendessem a fiscalização a esse tipo de problema, os barcos poluidores poderiam ser punidos, multados e, eventualmente, proibidos de pescar.

Desinformados sobre a toxicidade do produto contido nos *lightsticks*, morado-

res e banhistas utilizam o óleo do tubo para os mais diversos fins, como pasta para queimadura, óleo lubrificante, óleo para massagem, bronzeador ou qualquer outra solução criativa que a sua imaginação invente. Um dos casos mais grave é o das crianças que acham esses tubos na praia e os guardam no freezer, junto com geladinhos verdadeiros. Isso quando não passam na pele para ver brilhar à noite por pura diversão. Como são pessoas muito pobres e incultas, elas pensam que caíram de navios de cruzeiro e tentam achar uma utilidade para o óleo dos bastões.

O nível de desinformação impressiona. Barretto conversou com um morador de Moreré, na Ilha de Boipeba, que lhe disse que esse óleo "nem é tão bom assim para a coluna! Bom mesmo é óleo de transformador".

Os primeiros resultados apresentados por pesquisadores da USP e da UFGR, que analisaram as substâncias - entre elas hidrocarbonetos aromáticos, clorofenóis e derivados de ácido salicílico - constataram que estas podem causar alergias, irritações, mutações nas células e até mesmo câncer. Agora a Global Garbage está tentando viabilizar financeiramente uma pesquisa oficial ampla sobre o produto, pois acredita que só com resultados de instituições importantes como essas, poderão iniciar ações internacionais proibitivas junto aos governos e fabricantes, principalmente chineses e coreanos, que alegam que o produto não é tóxico. Para se ter uma idéia da infestação desse lixo na costa brasileira, numa das campanhas recentes (2004) de monitoramento de lixo global, realizada em 90 quilômetros do litoral norte baiano, membros da ONG recolheram sete mil *lightsticks*. E nosso povo acaba sofrendo as conseqüências.

David e Nike – Amigos do Lixo Alemães que participaram da caminhada (17 km) entre Subaúma e Baixio (Costa dos Coqueiros). Eles ficaram impressionados com a quantidade de embalagens fabricadas na Alemanha.



Fonte: Projeto Praia Local - Lixo Global
Contato: info@globalgarbage.org
Site: www.globalgarbage.org